

PEDRO PIRES



2020

INNER EXPANSION #2

Constatação semelhante fez Mónica de Miranda, artista, produtora e investigadora. O Hangar surge em 2015, como espaço de residências, exposições, mas também de investigação. “Estamos muito interessados em conceitos que possam definir África de um outro lugar, as próprias diásporas africanas de Lisboa, ou da Europa. Interessam-nos esses lugares, não uma cultura fechada em si, mas uma cultura que comunica, que questiona e se relaciona.” O Hangar funciona como ponto de passagem de artistas emergentes e de curadores africanos. “Temos a parte de investigação, onde criámos uma série de publicações que vieram preencher uma lacuna. Não havia uma publicação de práticas artísticas contemporâneas destas regiões e estas publicações têm sido referências no lançamento de artistas.”

Graça Rodrigues acredita que, em Portugal, “as feridas abertas não permitiram que a arte fosse elevada naquilo que é a sua realidade”. A colonização dos territórios ultramarinos durante o regime de Salazar e a Guerra Colonial (1961-1974) deixaram marcas profundas na sociedade portuguesa, também na arte contemporânea. “Vemos um movimento internacional acontecer com mais intensidade talvez a partir do momento em que o Pavilhão de Angola ganha na bienal de Veneza o Leão de Ouro, em 2013. A partir daí é uma viragem. Há uma mudança na forma como a arte africana é posicionada não só nas instituições, como nas esferas de arte a nível internacional e a procura que se gera a nível global. Nós sempre tivemos uma relação privilegiada com África. Porque é que não conseguimos fazer isso?”

Natural de Angola, filho de pais portugueses, Pedro Pires é um “fruto da colonização” e a sua obra é perpassada pela reflexão sobre a identidade, até porque muitas vezes é confrontado com o facto de parecer estrangeiro no seu próprio país. “Eu saio da norma pela cor e pelo sotaque – nunca pensei que o sotaque fosse tão importante.” É um dos 25 artistas representados pela *This is Not a White Cube*, vive e trabalha em Portugal, mas viaja muito pelos vários países africanos em permanente questionamento (“Não penso muito no peso da história, mas isso está sempre lá...”). Fala-nos da força da escala humana, dos gradeamentos que separam ricos e pobres, usa objetos do quotidiano, quer chegar a todos. Faz escultura em papel, numa tensão entre a delicadeza da folha e a brutalidade da máquina de soldar. Talvez seja uma forma de tirar “temas debaixo do tapete”, como a descolonização, ou a forma como se ensinam os Descobrimientos. “Há uma faceta que foi violenta e é preciso conhecermos essa parte da história. E é essa parte que os artistas podem representar de uma maneira mais forte.”

Artist, producer and researcher Mónica de Miranda makes a similar observation. In 2015, Hangar became a place for residencies and exhibitions, as well as research. “We’re very interested in concepts that can represent Africa in another place, such as the African diasporas in Lisbon, or in Europe. We’re interested in those places, not a self-contained culture, but a culture that communicates, questions and relates.” The Hangar operates as a hub for up-and-coming African artists and curators. “We have the research part, where we’ve produced a series of publications that have filled a gap. There was nothing on contemporary art practices from these regions and our publications have been important to launching artists.”

Graça Rodrigues believes that, in Portugal, “certain traumas meant art wasn’t afforded the status it deserved”. The colonisation of foreign countries during the Salazar regime and Colonial War (1961-1974) left their mark on Portuguese society and contemporary art. “We saw more intense international movement happening when the Angola Pavilion won the Golden Lion at the Venice Biennale in 2013. This constituted a turning point. There was a change in the way African art was positioned, not only in institutions, but also in international art spheres and the demand generated globally. We’ve always had a special relationship with Africa. Why weren’t we able to do that?”

Born in Angola, the son of Portuguese parents, Pedro Pires is a “product of colonisation”. As such, his work is replete with reflections on identity, often related to feeling like a foreigner in his own country. “I’m different because of my colour and accent – I never realised accent was so important.” One of the 25 artists represented by *THIS IS NOT A WHITE CUBE*, Pires lives and works in Portugal, although he often travels to different countries in Africa, permanently questioning certain things (“I rarely think about the weight of history, but it’s always there...”). He talks of the power of human scale, barriers that separate rich from poor, using everyday objects, wanting to reach everyone. He makes paper sculpture, forging a tension between the delicacy of the material employed and the brutality of the soldering iron. Perhaps it’s a way of dealing with “unspoken themes”, like decolonisation, or how the Discoveries are taught. “There is a facet that was violent, and we need to know about that part of history. And it’s that part which artists can depict in a more forceful way.”